
Humanização do relato na construção da narrativa jornalística: uma análise de reportagens de Eliane Brum sobre a usina hidrelétrica de Belo Monte¹

Paola Saldanha de OLIVEIRA²
Sione GOMES³

Universidade Franciscana, Santa Maria, RS

RESUMO

O presente artigo tem como base a humanização do relato jornalístico e busca responder como os relatos humanizados nas reportagens de Eliane Brum constroem a narrativa sobre Belo Monte. A metodologia aplicada às reportagens produzidas pela jornalista, para o jornal El País, sobre a usina hidrelétrica apoia-se na análise de conteúdo, com Fonseca Júnior (2009). O trabalho tem como aporte teórico, entre outros autores, Pena (2011), Motta (2005), Ijuim (2012) e Valentini e Ijuim (2017), que correspondem aos estudos de jornalismo literário, narrativa, humanização e *flâneur*, respectivamente. Por meio das análises, conclui-se que dar nome, voz e apresentar as complexidades das personagens, protagonizando-as, proporciona uma leitura mais aprofundada e sensível a respeito da construção da narrativa sobre Belo Monte.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo literário; Narrativa; Humanização; *Flâneur*; Reportagem.

INTRODUÇÃO

A rotina jornalística impõe um padrão de produção, com a busca pelo furo de reportagem e cobertura quase em tempo real dos acontecimentos como alguns de seus pilares. O ritmo acelerado das redações limita, em grande parte, a abordagem dos fatos em retratos superficiais. Com isso, o repórter procura pela fala de especialistas e fontes oficiais para validar as informações contidas em sua matéria. Tal postura, além de não permitir uma apresentação mais complexa da realidade, também não oferece espaço para a narrativa de histórias do cotidiano e suas personagens. O *deadline*, do mesmo modo, prende o jornalista, que passa a utilizar, sobretudo, meios eletrônicos para produção. Fixado na redação, o profissional deixa de ir às ruas, observar os espaços e as pessoas. Deixa de ouvir suas vivências, opiniões, experiências.

¹ Trabalho apresentado Intercom Junior II 01 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Bacharel do Curso de Jornalismo da Universidade Franciscana, e-mail: paolasaldanhaoliveira@gmail.com

³ Professora orientadora do Curso de Jornalismo da Universidade Franciscana, e-mail: sionegomes@unifra.br

Em contrapartida a esse modelo, o Jornalismo Literário propicia uma abordagem mais aprofundada sobre fatos e pessoas. Ao invés de simples fontes, há a apresentação de personagens, pessoas comuns que carregam uma bagagem cultural, histórica, social. A temática ganha um nome, uma história, um rosto. O leitor se aproxima de diferentes sujeitos e realidades. Tal resultado só é obtido quando o repórter também imerge nas histórias de vidas daqueles que retrata e conhece de perto o contexto em que estão inseridas. Esse tipo de construção expõe diferentes perspectivas e contribui para uma leitura mais ampla e complexa de assuntos que não ganham o mesmo espaço em produções diárias.

Nesse estilo literário Eliane Brum narra histórias de diferentes brasis. Jornalista, escritora e documentarista, atuou como repórter do jornal Zero Hora e Revista Época, publicou seis livros, entre 1994 e 2014 - contabilizando cinco obras de não ficção e um romance – e atuou na direção de documentários audiovisuais. A descrição e valorização de ambientes e sujeitos e a subjetividade na abordagem de temáticas que não ganham espaço na mídia tradicional marcaram seus trabalhos, que contribuem para que personagens e histórias sejam ouvidas, vistas e reconhecidas pela sociedade

A minha escolha mais profunda, que está em toda a minha expressão, é o compromisso com aqueles que estão à margem da narrativa, porque acho que não existe nada mais brutal do que não ser contado na história. Foi isso que sempre me moveu[...] e eu é que vou lutar pela voz dessa pessoa para levar aos leitores uma reportagem que contemple a complexidade da realidade. Há um pacto de confiança nesse tipo de reportagem, é muito grande alguém se contar para o outro, e por isso tenho que ter esse respeito pela palavra do outro (BRUM,2017, p. n.p)

Ao longo de sua caminhada na escuta do outro, a jornalista acompanha, desde 2011, a situação da população atingida pelas obras da Hidrelétrica de Belo Monte. A partir de 2013, quando integrou a equipe do jornal El País, Eliane Brum passou a utilizar o espaço para abordar as questões referentes ao impacto das obras na vida dos ribeirinhos e indígenas. Por meio da coluna quinzenal, a repórter apresenta as narrativas de ribeirinhos, indígenas e quilombolas, que tiveram suas vidas impactadas com a construção.

Eu conto histórias de vidas barradas por uma ideia que se impôs pela força. Essa ideia virou milhares de toneladas de aço, concreto e cimento, no Xingu, um dos grandes rios da maior floresta tropical do mundo.[...]Belo Monte é uma construção de ruínas. O Brasil é um grande construtor de ruínas. O Brasil constrói ruínas em dimensões continentais (informação verbal)⁴

⁴ Declaração feita por Eliane Brum no TEDx Talks, em Porto Alegre, publicado em 24 de abril de 2018

A Usina Hidrelétrica de Belo Monte, localizada no município de Altamira (PA), foi construída no rio Xingu e carrega a marca de terceira maior usina hidrelétrica do mundo e a segunda do Brasil. A implantação do projeto gera polêmica em função dos impactos socioambientais negativos. Belo Monte se instalada em um cenário de contradições. Mesmo tendo liberação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama), as obras já foram notificadas mais de 20 vezes pelo Ministério Público Federal por desrespeito a regras de licenciamento e quebras de lei, levou o país à Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA) e investigações relacionadas a pagamento de propina.

A saúde, a cultura, o espaço de pertencimento foram, e ainda são, tirados da população indígena, ribeirinha e quilombola. Com Belo Monte, vilas, ilhas e vidas foram submersas para que as obras seguissem, apesar das inúmeras violações. A situação se agrava e centenas de famílias já foram retiradas de suas casas, sem nenhum tipo de estrutura física e psicológica preparada para ouvir, compreender, atender e respeitar suas escolhas. Com isso, o presente trabalho consiste na análise de reportagens produzidas pela jornalista para o jornal El País sobre a usina hidrelétrica de Belo Monte. A pesquisa buscou compreender como os relatos humanizados nas produções constroem a narrativa sobre Belo Monte.

REFERENCIAL TEÓRICO

A união entre os campos jornalismo e literatura permite retratar a realidade e histórias do cotidiano, convergindo informação e criatividade. Porém, o Jornalismo Literário não se restringe a esse conceito mínimo, trata-se de um estilo mais complexo e amplo, que marca diferentes momentos da história da imprensa. Conforme Pena (2011), essa natureza narrativa foge do padrão de produção jornalístico tradicional, ligado ao *lead*, com informações objetivas e centradas no fato. O Jornalismo Literário vai além do acontecimento, de uma simples fala do entrevistado. Aborda a complexidade das personagens, a profundidade de cada episódio e não se limita a prévias definições.

O estilo de produção convencional, atualmente, segue o modelo que despontou na segunda metade século XIX - com as agências de notícias -, e que veicula seu material em grande escala. A narrativa de compreensão simples se solidifica, então, como fórmula básica, com a influência de novas tecnologias.

O telégrafo renovou o conceito de actualidade[...] intensificou, por seu turno, a adoção de uma linguagem telegráfica. Por isso, os jornalistas começaram a adotar critérios profissionais de elaboração da notícia, em vez de cultivar um estilo pessoal, emotivo ou literário (SOUSA, 2008, p.111)

A pirâmide invertida passou a substituir as narrativas desenvolvidas com uma linguagem mais literária. “Como mensagem articulada no bojo do processo de comunicação jornalística, a notícia segue as fórmulas de construção que redundam na simplificação do relato” (LIMA, 2004, p.17). Entretanto, já no século XX, um manifesto marca um novo estilo, o Novo Jornalismo. Escrito em 1973, nos Estados Unidos, por Tom Wolfe a declaração estabelece o *New Journalism* como um resgate da narrativa literária na imprensa. O novo fôlego para a linguagem literária trazido por esse estilo permite uma profundidade no tratamento das histórias, um registro detalhado e complexo das personagens abordadas

Antes da publicação do manifesto, com objetivo de sair da fórmula convencional e visando suprir a demanda por uma cobertura mais ampla no relato de fatos e uma compreensão de maior alcance, o jornalismo desenvolveu uma nova modalidade jornalística, a reportagem. A reportagem se torna a forma jornalística que mais se apropria do fazer literário. Ao final dos anos 50 e início dos 60, os jornalistas de reportagens especiais passaram a experimentar a produção de seus trabalhos no estilo de romance. Assim, o Novo Jornalismo ganhou força. “A reportagem estilosa era algo com que ninguém sabia lidar, uma vez que ninguém costumava pensar que a reportagem tinha uma dimensão estética” (WOLFE, 2005, p.22).

As técnicas jornalísticas foram aperfeiçoadas e a expressão do real se potencializou. “A objetividade da captação linear, lógica, somava-se à subjetividade impregnada de impressões do repórter, imerso dos pés à cabeça no real” (LIMA, 2004, p. 195). Na década de 70, a imprensa já se apropria do experimentalismo do *New Journalism* em uma nova fase do jornalismo literário, mas deixando de lado o que foi considerado um exagero no estilo. Manteve-se a construção de cenas, a variação de ângulos, aproveitamento de diálogos e uso de detalhes dos ambientes.

A amplitude do Jornalismo Literário permite uma descrição de fatos em sua complexidade, sem perder o compromisso com eles. Assim, os leitores se aproximam e se identificam com as histórias de vida do outro. A narrativa permite

ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2011, p.13)

Com isso, é possível compreender a estrutura do Jornalismo Literário a partir do conceito da estrela de sete pontas (PENA, 2011). Potencialização dos recursos jornalísticos, rompimento das características básicas do jornalismo tradicional, amplitude, exercício de cidadania, ultrapassa a cientificidade do jornalismo diário, valorização da fala do cidadão comum, e aprofundamento das narrativas formam o conjunto de características que auxiliam na compreensão da estrutura de textos do Jornalismo Literário.

O Jornalismo Literário permite o desenvolvimento de narrativas reais, pois de acordo com Motta (2005), profissionais da comunicação perceberam que os sujeitos vivem narrativamente suas trajetórias de vida. Com isso, exploram o discurso narrativo em suas produções a fim de causar efeitos de sentido. “Os enunciados jornalísticos não possuem ficcionalidade[...]mas narram sucessões de estados de transformação, ainda que de forma fragmentada e dispersa” (MOTTA, 2005, p.29)

A narrativa jornalística, então, constrói-se entre os efeitos de real e efeitos de sentido, como a dor, a compaixão e a surpresa, por exemplo. Se dá pela busca em vincular fatos e criar catarse. Utiliza-se de recursos e figuras de linguagem, que intencionalmente, ou não, geram emoções. “Eles promovem a identificação do leitor com o narrado, humanizam os fatos brutos e promovem a sua compreensão como dramas e tragédias humanas” (MOTTA, 2005, p.11).

Para Araújo (2012), as narrativas jornalísticas podem ser definidas como produtos culturais, visto que a abordagem do real com a produção de sentido se dá pela ressonância da realidade observada e na qual é construída. O conjunto de produções consumidas, isoladamente, pelo leitor passa a construir uma narrativa e encadeamento. Isso permite, então, uma leitura da sociedade em que está inserido. Conforme Motta (2005), é essa relação entre construção jornalística, com subsídios de elementos narrativos que “[...] confere uma singularidade à narrativa jornalística em relação às narrativas da história ou da literatura. O jornalista narra continuamente a história do presente imediato, uma história fugidia, inacabada, aberta, mas, uma história” (MOTTA, 2005, p.43-44). O autor ainda destaca que é a partir das narrativas que construímos memórias, “identidades, a nossa biografia, a nossa história, o nosso passado, presente e futuro” (MOTTA, 2005, p.3).

Entretanto, para compor uma narrativa para pessoas e sobre pessoas é necessário estar atento às vozes que circulam por diferentes espaços, mergulhar em realidades

diversas. Sair às ruas, ouvir e dar valor à vivência de pessoas anônimas, apresentar um retrato da vida cotidiana, comum. E assim pode-se descrever a figura do *flâneur* e a ação de perambular, flunar por locais, vielas, histórias. A prática dessa comunicação, a qual informa e narra de maneira subjetiva - misturando jornalismo e literatura- ofereceu um caráter sério e profundo as descrições de locais e pessoas isoladas socialmente.

De acordo com Torres e Procópio (2014), quando o jornalista assume o papel de *flâneur* na sua leitura e interpretação da sociedade, há algumas características que marcam seu comportamento. Desde a ausência de pautas à busca por personagens comuns e simples, os espaços urbanos ganham uma escrita diferenciada do habitual, mas lírica e aprofundada. Contudo, esse papel desenvolvido pelo repórter, que observa, conhece e retrata a realidade, passa por uma crise. A pressão imposta pelos veículos sobre seus profissionais abala o modo como ele trabalha, o coloca em uma rotina de *deadline*, busca pelo furo de reportagem e o faz esquecer de olhar atentamente para o lado. “[...]parece haver um alerta cada vez mais intenso – em toda sociedade – de que é preciso parar. É preciso sentar de novo ao redor da lareira para ouvir histórias. Se essa é a tendência das pessoas, então quem sabe não significa um apelo ao jornalista” (VALENTINI; IJUIM, 2017, p.14)

Os textos jornalísticos se tornaram semelhantes, pois baseiam-se nas mesmas informações já divulgadas por outros meios ou reproduzem falas de autoridades, especialistas. Não se pode negar que o público precisa de informações, precisa do jornalismo para suprir essa demanda. Porém, há a necessidade por histórias de interesse humano, de experiências singulares. Para além da quantidade, há a busca por qualidade.

Precisamos voltar a flunar, a encontrar boas histórias, e não apenas transcrever boletins de ocorrência, declarações oficiais e atribuir aspas às fontes, como se isso fosse suficiente para fazer bom jornalismo e construir a realidade. Precisamos vivê-la, para então narrá-la a outros (VALENTINI; IJUIM, 2017, p.15)

Como destaca Torres e Procópio (2014), a postura do *flâneur*, por meio de sua proximidade com a rua e as pessoas e o uso de linguagem lírica, resgatam o jornalismo literário. Com isso, a atuação do *flâneur* apresenta contribuições ao jornalismo como um todo, vista a valorização à simplicidade, a sensibilidade na abordagem dos acontecimentos, o aprofundamento das pautas e o protagonismo da fala de pessoas comuns.

Conforme Braghini e Lüersen (2014), humanização em reportagens jornalísticas ultrapassa a concepção das pessoas enquanto fontes, mas as reconhece enquanto

personagens das histórias. Ao apresentar um acontecimento por meio de narrativas daqueles que se fizeram presentes no fato, é permitida uma visão mais detalhada, que auxilia na interpretação do acontecimento e também aproxima o leitor de determinada realidade. “Passando ao leitor não apenas o relato do entrevistado e as informações que ele possui, mas sobretudo, quem ele é, onde ele está, por que ele está ou esteve lá” (BRAGHINI; LÜERSEN, 2014, p. 10-11).

O jornalismo atua como meio construtor de narrativas da vida real. O compromisso do repórter não se basta na compreensão e difusão simplista de fatos, dados, pesquisas, mas na apresentação de histórias humanas. “Vale lembrar que o jornalista não se relaciona apenas com um objeto de conhecimento, mas também com outros seres humanos envolvidos no processo comunicativo. Portanto, para entender os fenômenos sociais é necessário compreender as ações dos sujeitos” (ALVES; SEBRIAN, 2008, p.8)

A humanização dos relatos não se prende a características tradicionais do jornalismo, como a objetividade. É a apresentação dos personagens, com suas aflições, medos, desejos, e não como “coisas”. Para Ijuim (2016) o jornalismo humanizado começa antes mesmo da pauta, mas na própria consciência do repórter. Conforme Rozendo e Mega (2014), as reportagens de interesse humano são as ferramentas para evidenciar e trazer ao debate público questões de desigualdade social e econômica. Assim, busca-se por uma “visão de mundo humanista, considerada como um novo paradigma da existência humana e que permitiria a sociedade alcançar outra forma de civilização” (ROZENDO e MEGA (2014).

Segundo Alves e Sebrian (2008), o fazer jornalístico exige uma observação e reflexão da sociedade, é ir além da factualidade para compreender os fenômenos sociais e seus sujeitos.

O jornalismo humanizado, portanto, não se propõe apenas a produzir textos diferenciados, com linguagem que usufrui dos recursos da literatura, que valoriza personagens. Mais que isso, busca a essência das ações humanas – é um olhar, uma perspectiva, um ponto de partida diferenciado (ALVES, F. A.; SEBRIAN, 2008, p.2)

Alicerçado no pensamento moderno, o jornalismo “adotou não só os modos de produção capitalista, mas – e justamente por isso – incorporou o pensamento predominante desse mundo moderno” (IJUIM, 2012, p.12). Esse pensamento discrimina, exclui, impõe verdades absolutas e pré-julgamentos. Dessa forma, a humanização dos relatos busca dar voz àqueles que são silenciados e estereotipados,

invisíveis aos olhos de muitos. Por meio de uma narrativa sensível, o jornalista se envolve com outros humanos, se coloca no lugar deles durante o processo de apuração dos fatos. Dessa maneira, o real papel do jornalismo se apresenta, enquanto “prática social imbuída de responsabilidades e funções” (MARTINS; SARDINHA, 2013, p.14).

Há, portanto, a carência por um jornalismo que valorize os outros, dê lugar para suas falas, seus anseios, suas trajetórias de vida. E, com isso, proporcionar aos sujeitos a identificação com realidades e identidades diferentes das suas, o conhecimento e reconhecimento de outras personagens e cenários. A complexidade social inserida nas narrativas jornalísticas permite uma leitura mais humana e próxima, pois retrata as semelhanças e disparidades presentes no cotidiano da sociedade.

METODOLOGIA E ANÁLISE

Para o desenvolvimento da pesquisa, a análise de conteúdo foi escolhida como método de estudo, pois, conforme defende Fonseca Júnior (2009), esse recurso permite a identificação sistemática de tendências e, dessa forma, cumpre com requisitos de sistematicidade e confiabilidade. Assim, a partir do conteúdo obtido, é possível deduzir informações sobre o emissor, suas intenções e conhecer o contexto em que determinada mensagem foi produzida. Ao partir da definição do autor para a organização da análise de conteúdo, a pré-análise desta pesquisa constituiu-se na delimitação do objeto de investigação. Neste estágio, a organização da amostragem foi desenvolvida com base na técnica da regra da representatividade, em virtude da série de conteúdos disponibilizados. Com isso, a seleção de reportagens foi dividida em três etapas.

Inicialmente, todos os artigos publicados com a assinatura da repórter foram filtrados por meio de um recurso de busca de palavras. Dessa forma, no intervalo de tempo de quatro anos e sete meses, estipulado entre o dia 26 de novembro de 2013, data do primeiro texto publicado no jornal El País, e o dia 30 de julho de 2018, 36 reportagens foram selecionadas por constarem, ao menos, uma vez os termos “Belo Monte”.

Na segunda fase de triagem, a classificação das produções se deu a partir da leitura de todos os textos identificados anteriormente. A acadêmica utilizou como critério de apuração a abordagem feita pela jornalista em relação à hidrelétrica. Neste ponto, foram desconsiderados 23 textos, nos quais o tratamento dado à temática foi considerado sem aprofundamento.

Por fim, a última etapa foi executada com base na presença de personagens na narrativa desenvolvida. Dessa forma, a partir dos relatos de pessoas que vivem nas terras próximas ao Xingu e que sofreram/sofrem com os impactos da obra, somados à abordagem feita pela repórter, o corpus de pesquisa foi definido com sete reportagens, produzidas e veiculadas entre os dias 16 de fevereiro de 2015 e 15 de maio de 2018. São elas: O pescador sem rio e sem letras - publicada em 16 de fevereiro de 2015-, O dia em que a casa foi expulsa de casa - veiculada em 14 de setembro de 2015 -, Vítimas de uma guerra amazônica - de 22 de setembro de 2015 -, Dilma compôs seu réquiem em Belo Monte - divulgada em 10 de maio de 2016 -, Casa é onde não tem fome - de 18 de julho de 2016 -, No fim do mundo de Alice Juruna tem Peppa Pig - exibida em 03 de abril de 2017 - e A Veneza de Belo Monte, publicada em 15 de maio de 2018

Após a definição das produções, o estágio de classificação e reagrupamento do objeto de pesquisa, como Fonseca Júnior (2009) define categorização, foi constituído a partir da construção teórica deste trabalho e com base na releitura dos textos selecionados para análise. Os conceitos definidos, a seguir apresentados, visaram organizar as sete reportagens classificadas na pré-análise em características específicas a fim de estabelecer uma correspondência entre as produções.

Descrição de espaços e personagens configuram as duas primeiras categorias de estudo. A exposição dos espaços físicos e dos elementos que os compõem cria a ambientalização das narrativas e permitem a reconstituição mais detalhada dos fatos. Essa apresentação também possibilita compreender a carga simbólica dos locais na construção da identidade das pessoas abordadas. A descrição física do corpo e, principalmente, da personalidade de cada indivíduo aproximam personagem e leitor, permitindo um sentimento de identidade. O detalhamento do que pensam, como sentem e percebem a vida também propicia uma leitura mais complexa de cada um.

O espaço de fala é o terceiro grupo de classificação. Por meio do uso de citações diretas das personagens apresentadas nas reportagens, o relato dos sujeitos ganha forma e contribui para a compreensão do seu posicionamento, opinião, linguagem. O entre aspas é mais um atributo para a leitura das pessoas apresentadas, pois as falas carregam as bagagens culturais, sociais, políticas e das experiências adquiridas ao longo da vida. O resgate da memória mantém viva a história de cada cidadão, de uma comunidade, de um período, de uma decisão. A reconstituição do comportamento das personagens e dos

espaços em que viviam também possibilitam a contextualização dos fatos, em que uma trajetória começa a ser traçada no antes.

A criação de paralelos e uso da metáfora e jogos de palavras ocupam o lugar de quinta e a sexta categoria, respectivamente. Os paralelos confrontam momentos e opiniões na narrativa. Isso permite visualizar o contraste na percepção sobre conceitos e fatos e assimilar a diferença de construção de cada personagem. Metáfora é uma figura de linguagem utilizada também como meio de comparação, que junto com jogo de palavras, pode ser aplicado para descrever pessoas e espaços. A participação da repórter na narrativa será outro ponto de análise.

No desenvolvimento da narrativa, a inserção da jornalista a aproxima de quem é apresentado e, conseqüentemente, do leitor. A presença pode ser observada pela construção do texto em primeira pessoa, como um relato, mas também, implicitamente, com uma descrição detalhada e complexa dos fatos, indivíduos e locais. Por fim, a conexão entre as produções compõe uma rede de histórias e desenha a narrativa sobre determinada temática, lugar, sujeito. O vínculo entre as obras amplia os pontos de vista, apresentam mais informações, personagens, opiniões e aprofundam o conhecimento. Pessoas, locais, tempo são, basicamente, os elementos empregados como elos de correlação.

O processo de análises contou com o auxílio de uma tabela, construída a fim de proporcionar uma melhor visualização das categorias aplicadas às reportagens e contribuir para estabelecimento de relações entre as produções. A tabela foi dividida em sete grupos, em função da união da quinta e sexta categoria, correspondente ao uso de metáforas, jogos de palavras e paralelos. A junção nomeada recursos estilísticos foi realizada tendo em vista que os tópicos tinham representações similares e que a leitura em conjunto iria colaborar para uma análise mais aprofundada. Outro ponto de esclarecimento sobre as categorias é em relação ao seu emprego. Visto que a definição dos grupos foi baseada no referencial teórico estruturado e em uma leitura geral das reportagens no período de pré-análise, não houve aplicação, obrigatoriamente, todos os tópicos nas produções selecionadas, devido a ausência de conteúdo referente a cada categoria nos textos analisados.

CONSIDERAÇÕES

De modo geral, o padrão empregado por veículos tradicionais de imprensa na forma como se faz notícia gera uma abordagem rasa dos fatos. A busca pelo ineditismo e a pressão para atender às demandas de leitores cada vez mais conectados são alguns dos fatores que influenciam no modo de produção jornalística. As matérias com tom objetivo, claro e conciso contribuem para uma rápida leitura de fatos do cotidiano e suprem as necessidades básicas de informação. Entretanto, o *lead*, e sua fórmula de construção de texto, determinam um tratamento superficial de acontecimentos e pessoas.

Em sentido oposto caminha o jornalismo literário, que, conforme destaca Pena (2011), permite uma visão ampla da realidade, com descrições detalhadas de lugares e pessoas. E neste estilo de construção, baseado na contextualização e no aprofundamento de discussões, que se desenvolve o trabalho da jornalista Eliane Brum. A sensibilidade da jornalista em apresentar pessoas e histórias permite uma construção apoiada no reconhecimento do outro, no protagonismo de sua fala, sua trajetória e experiências. Os sujeitos se despem do modelo de fonte e apresentações simplistas e ganham espaço de personagens, com suas complexidades. Ao ultrapassar a descrição de fatos e respostas simples, a repórter abrange a compreensão de diferentes realidades.

Ao construir uma narrativa mais integral, os leitores se sentem mais próximos de temáticas e pessoas, pois se reconhecem nas suas motivações, questões e sentimentos. As reportagens que compõem o objeto de análise desta pesquisa se enquadram nesse seguimento. A usina hidrelétrica localizada no Pará e instalada no rio Xingu gera polêmica desde sua concepção. Contudo, a região, historicamente explorada, tem sua voz abafada e sua gente marginalizada. Eliane Brum conta histórias de pessoas com propriedade para descrever o que é Belo Monte, pois sofreram e ainda sofrem com seus impactos. A humanização da narrativa sobre os atingidos pela obra inicia ainda na escolha da repórter em ouvi-los.

Ao invés de uma apresentação de dados, com números relacionados às conseqüências causadas por Belo Monte, Eliane Brum dá um nome, uma identidade, emoções, percepções e opiniões à temática. A construção de personagem das pessoas abordadas pela jornalista no desenvolvimento da narrativa sobre as obras não cai em estereótipos ou banalizações. A descrição de sujeitos aproxima o leitor do tema e contribui para o entendimento da problemática que envolve a construção.

Assim como frisa Ijuim (2017), a não ignorância dos fenômenos sociais e o entendimento de suas complexidades, caminham no sentido inverso à redução de grupos em caricaturas. Em todas as produções analisadas, o espaço de apresentação das personagens ultrapassa a descrição simplista, destaca os traços de conduta, postura e caráter de cada um e os fatores que influenciaram a construção de suas identidades.

Essas personagens carregam consigo sentimentos gerados por uma mudança de cenário. Mas se engana quem acredita que a alteração de endereço pode ser simples. Nas produções observadas foi possível perceber, via descrição de espaço, a carga simbólica que tem uma casa, uma árvore, um rio. Para além de uma localização geográfica ou caracterização de um ambiente, há apresentação destes espaços com o peso da representação. O modo de vida levado na ilha, os vínculos entre as pessoas e o lugar em que estavam inseridas ganha um sentimento.

O espaço de fala desses sujeitos também se mostra importante por possibilitar que o leitor conheça a forma de expressão dessas personagens. Para além das características descritas e a construção de identidades feitas por Eliane Brum, há o lugar em que esses protagonistas se manifestam, por meio da sua linguagem, termos, gírias e vícios. Não há nenhum tipo de “correção”, seja gramatical ou de concordância, aplicados pela repórter. Tal postura não tira o valor de real, nem desvaloriza quem de fato são as pessoas abordadas nas reportagens. A não alteração do que foi dito por cada personagem e a manutenção de seus modos de expressão contribuem para que as personagens digam quem são, sem, necessariamente, falar explicitamente sobre. Os relatos das personagens ganha destaque e valor. Opiniões, observações e sentimentos são expressos de forma genuína, por meio de um discurso que diz para além das palavras.

Ao rememorar com as personagens tudo que foi vivido por elas até se encontrarem no ponto atual, o leitor compreende o quanto a usina causa mal e violenta. O resgate de memórias das personagens possibilita uma leitura mais aprofundada dos sujeitos, para além da pessoa descrita naquele determinado momento de sua vida. A reconstituição da história apresenta as trajetórias de vida e o que levou cada um a ser quem é e a situação em que se encontra atualmente. A narrativa se enriquece, a base de informação aumenta e reforça a complexidade da hidrelétrica.

A jornalista também se utiliza de artifícios estilísticos para descrever pessoas e espaços, mas, principalmente, para frisar as diferenças de conduta, postura e concepção

entre os ribeirinhos e indígenas e os responsáveis pela hidrelétrica, Estado e a empresa Norte Energia. Por meio de metáforas, jogos de palavras e paralelos, a jornalista mostra como a vida da população é desvalorizada e desrespeitada. Ao destacar as diferenças e a posição de superioridade tomada pelo Governo Federal e Norte Energia, evidencia-se a agressividade e o risco da obra. O estabelecimento de comparativos entre os dois lados garante a leitura da desestabilização e desamparo sentidos pela população que vive no entorno do Xingu, pois se sente ameaçada por aqueles que deveriam as proteger e garantir seus direitos.

A imersão da repórter nas realidades narradas por ela e o envolvimento com as pessoas abordadas nas reportagens permite ao leitor uma aproximação sobre o que e quem são retratados. A atuação da repórter enquanto *flâneur* possibilita a experiência de vivência de outras realidades, distantes não apenas geograficamente dos leitores, o que, conforme Valentini e Ijuim (2017) destacam, supre também uma demanda por textos que apresentem a observação do mundo, das pessoas, pois contar histórias é de interesse humano. A relação estabelecida entre jornalista e personagem tem força, não se mantém em um simples contato, mas em um processo de conhecimento e reconhecimento do outro. O leitor acompanha a repórter no processo de entendimento e compreensão do contexto vivido por cada pessoa. Nas reportagens analisadas, é perceptível o envolvimento de Eliane Brum com as pessoas narradas por ela. A jornalista é uma representante de grande parcela da população que não conhece a realidade da região. Para a repórter, a conjuntura retratada também não é comum. Os momentos nos quais a profissional reflete sobre o que observa e ouve e divide com o público suas percepções, angústias, dúvidas e surpresas estabelece também um vínculo com aqueles que também se encontram em um processo de entendimento sobre o significado da obra na vida da população. A repórter conversa com o leitor ao expor também seus sentimentos, sensações e percepções diante das histórias ouvidas e realidades encontradas, por meio de suas reflexões

Uma leitura do real por meio de uma estrutura narrativa proporciona ao público uma leitura da complexidade. As conexões entre personagens e histórias retratadas contribuem para esta construção do todo. A descrição das relações entre as diferentes personagens abordadas não só contribui para a compreensão dos vínculos que os sujeitos mantinham no espaço em que viviam e seus significados, mas também constrói

uma relação do leitor com elas, pois o público acompanha e convive com estas pessoas ao longo das narrativas.

Motta (2005) descreve que a narrativa jornalística se constrói por meio da apresentação de histórias reais com efeitos de sentido. Tal ocorrência pode ser visualizada nas reportagens analisadas. As produções geram os sentimentos de raiva, compaixão, empatia, ao apresentar situações e pessoas distantes da realidade de boa parcela da população. Enxergar o outro, com suas inúmeras camadas, certezas e dúvidas, erros e acertos e a compreensão da complexidade da vida proporcionam uma leitura ampla e sensível a respeito dos fatos. A partir das análises realizadas nas sete reportagens selecionadas, em diferentes aspectos, é possível compreender como os relatos humanizados nas reportagens da jornalista constroem a narrativa sobre Belo Monte.

Abordar dados sobre a usina hidrelétrica em um texto que atenda aos padrões do jornalismo tradicional já desempenharia o papel informativo da profissão. Apontar que, somente em 2015, 516 Km² de áreas foram alagadas para a construção de barragens e que 230 famílias já foram expulsas de suas casas para a construção da hidrelétrica⁵ já causaria algum impacto. Entretanto, a narrativa adquire outro olhar quando ganha um rosto, uma identidade. O leitor se aproxima e compreende a dimensão de Belo Monte quando conhece as histórias dos sujeitos atingidos pelas obras, suas vivências, emoções, opiniões. A humanização coloca o leitor na narrativa, aproximando, gerando empatia e resignificando a informação.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fabiana Aline; SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. Jornalismo humanizado: O ser humano como ponto de partida e de chegada do fazer jornalístico. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Guarapuava, 29 a 31 de maio de 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/R10-0540-1.pdf>

ARAÚJO, Bruno Bernardo A. **A narrativa jornalística e a construção do real**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2012. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/araujo-bruno-a-narrativa-jornalistica-construcao-real.pdf>

BRAGHINI, Kéliana; LÜERSEN, Angelica. **A arte de contar histórias: jornalismo humanizado na revista Piauí**. 2014. Trabalho apresentado no XXI Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXI Congresso de Ciências da

⁵ Informações retiradas do vídeo “Drone mostra área alagada para abastecer Belo Monte”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BCX2rpMFc0A>. Acesso em: 15 out 2018

Comunicação na Região Sul, Palhoça, 2014. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2014/resumos/R40-0342-1.pdf>

DESACONTECIMENTOS. Trajetória. Disponível em: Acesso em: 28 ago 2018

FONSECA JÚNIOR, W. C. Análise de conteúdo. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 280 – 304

IJUIM, Jorge Kanehide. Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas. **Revista Comunicação Midiática**, v.7, n.2, p.117-137, maio/ago. 2012. Disponível em: <http://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/comunicacaomidiatica/article/view/196/132>

_____. Entrevista: Jorge Kanehide Ijuim: Sobre o jornalismo humanizado. **Revista ALTERJOR**, Ano 07, – Vol. 13, Jan/Jun. 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/114108>

_____. Por que humanizar o jornalismo(?). **Verso e Reverso**, vol. 31, n. 78, setembro-dezembro 2017. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2017.31.78.07>

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**. Barueri: Manole, 2004.

MARTINS, Lilian Juliana; SARDINHA, Antonio Carlos. **Jornalismo e literatura na reportagem de Eliane Brum**. 2013. Trabalho apresentado no XXXVI Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação, Manaus, 2013. Disponível: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0637-1.pdf>

MOTTA, Luiz G. A **Análise Pragmática da Narrativa Jornalística**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>

_____. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. **Revista Contracampo**, n. 12, p. 23-50, 2005. Disponível em: <http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/557/324>

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2011.

ROZENDO, Suzana; MEGA, Vinícius Mizumoto. **A Humanização dos Relatos em João do Rio e Eliane Brum**: Observação e Consonância que perpassam o tempo. In: Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores da História da Mídia, 2014, Rio de Janeiro. Anais...Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/sudeste/3o-encontro-20>

TORRES, Cibeli Hespálio; PROCÓPIO, Mariana Ramalho. Estudos e experiências de uma prática flâneur como alternativa ao jornalismo. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, São Paulo, ano 8, jan/jun. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/78974/83055>

VALENTINI, Gêssica Gabrieli; IJUIM, Jorge Kanehide. **Do flâneur ao repórter**: a alma encantadora das ruas pede a volta do jornalista. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 40., 2017, Curitiba. Anais...Curitiba, 2017. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2260-1.pdf>

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.